



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO**

RENAN PEREIRA DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NO ROMANCE
TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

MONTEIRO-PB

2023

RENAN PEREIRA DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NO ROMANCE
TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Felipe Nildo Oliveira de Lima.

MONTEIRO-PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Renan Pereira da.
A construção do protagonismo feminino negro no romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior [manuscrito] / Renan Pereira da Silva. - 2023.
45 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2023.
"Orientação : Prof. Me. Felipe Nildo Oliveira de Lima. ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE. "

1. Racismo. 2. Sexismo. 3. Mulheres negras. 4. Ancestralidade. 5. Identidade. I. Título

21. ed. CDD 801.95

Elaborada por Talita R. Bezerra - CRB - 15/970

Biblioteca
José
Rafael de
Menezes

RENAN PEREIRA DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DO PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NO ROMANCE
TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura.

Aprovado em: 28/11/2023

BANCA EXAMINADORA

Felippe Nildo Oliveira de Lima

Prof. Me. Felippe Nildo Oliveira de Lima (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Marcelo Medeiros da Silva

Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Leilane Hardoim Simões

Profa. Me. Leilane Hardoim Simões
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Quando acordei hoje de manhã,
eu sabia quem eu era,
mas acho que já mudei muitas vezes
desde então.

(Alice no País das maravilhas)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Raimunda, por ter me proporcionado, a duras penas, a oportunidade de fazer uma graduação mesmo na condição difícil de ser uma mulher que criava dois filhos sozinha. Obrigado por todo incentivo, amizade e parceria de sempre. E a Deus, por sempre ter cuidado de mim e me concedido forças para nunca desistir.

A minha tia, Silvania, que sempre esteve do meu lado me dando todo apoio que eu precisava, assumindo a responsabilidade de minha mãe diversas vezes. Ao meu pai, Jorge, que mesmo distante às vezes, sempre esteve disposto a me ajudar de alguma maneira. A minha ex-patroa, Vânia, que além de grande incentivadora, foi mãe e sempre ofereceu condições para que o trabalho não atrapalhasse meus estudos. A todos os meus amigos e colegas de classe que de alguma forma ajudaram na realização deste sonho, em especial a minha “duplinha”, Thaís Farias, parceira de trabalhos e ombro amigo que muitas das vezes me ajudou a continuar e sempre disse que eu era capaz, e a Maria das Graças, que mesmo tendo chegando há pouco tempo, de tudo fez e faz para me impulsionar e dizer que posso ir mais longe.

A minha madrinha, Neves, e, em memória, meu padrinho, Reginaldo, e minha avó, Maria, os três maiores incentivadores para que eu estudasse, desde minha infância, minha eterna gratidão.

Ao meu orientador, Felipe Nildo, por todas as provocações que me fez desde que este projeto era apenas uma ideia vaga que não passava de meia página, por todo cuidado e paciência que teve desde o começo, sempre apontando o caminho, trabalhando sempre com muito carinho e atenção, segurando a minha mão, nunca me deixando só, me permitindo escrever da forma que sei falar sobre o que acredito. Sua sensibilidade tornou o processo de escrita menos desgastante. Também aos meus avaliadores da banca, professor Marcelo e professora Leilane, que aceitaram ler este trabalho e fizeram grandes contribuições para torná-lo melhor. Não poderia deixar de mencionar os professores da UEPB que contribuíram desde a época que iniciei a jornada acadêmica.

Por fim, a mim mesmo: por eu ter me permitido a continuar e me transformar. Nem sempre acreditei que chegaria até aqui, mas eu cheguei. Eu me agradeço, por aguentar, pois estudar não é tão fácil como muitos julgam, e por não ter me deixado desistir.

RESUMO

Neste trabalho, a partir de uma perspectiva de resgate ancestral, interseccional e decolonial, e tendo em vista que o racismo e o sexismo são agentes diretos da coisificação e do silenciamento das mulheres negras, pretende-se analisar os processos de construção do protagonismo da mulher negra a partir das representações das personagens Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, de *Torto Arado*. Dessa forma, foram analisadas as construções dessas três personagens principais da obra, que também são narradoras de suas próprias histórias. A fim de avaliar como se dá a construção do protagonismo dessas personagens se dá na obra em questão, bem como evidenciar práticas que por muito tempo silenciaram as mulheres negras e sua cultura, e também apresentar a ancestralidade como instrumento de resgate de toda a história, como forma de resistir e sobreviver mediante difíceis contextos, destacando o protagonismo feminino negro e sua importância para a sociedade e para literatura de maneira geral. Este estudo parte de uma pesquisa qualitativa baseada na leitura e na análise das trajetórias das personagens e de suas narrativas de vida. Os resultados sugerem que as mulheres negras sempre possuíram uma enorme força para resistir, organizar-se e desenvolver formas e estratégias de ruptura de alguns padrões outrora sobrepostos a elas, seja de maneira individual ou coletiva, resistindo ao racismo e ao sexismo.

Palavras-chave: Racismo; Sexismo; Mulheres negras; Identidade; Ancestralidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	14
3 OBJETIVOS	16
3.1 OBJETIVO GERAL.....	16
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
4 A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA	17
4.1 RACISMO, SEXISMO E PATRIARCADO: AGENTES DO SILENCIAMENTO NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	20
4.1.1 A mulher negra e o conceito de interseccionalidade	24
4.2 A MULHER NEGRA E AS FORMAS DE PROTAGONISMO	25
5 A MULHER NEGRA NA LITERATURA: O ROMANCE <i>TORTO ARADO</i>	29
5.1 CONHECENDO E DESVENDANDO AS REALIDADES DO UNIVERSO <i>TORTO ARADO</i>	32
5.1.1 Obra e autor	32
5.1.2 Trajetória da negritude feminina em <i>Torto Arado</i>	38
6 ANCESTRALIDADE COMO FORMA DE RESISTÊNCIA	41
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Em *Torto Arado* (2019)¹, primeiro romance publicado pelo autor Itamar Vieira Junior, observamos as múltiplas faces de três narradoras que, no decorrer de suas enunciações, subvertem formas e sistemas que as oprimem, vagando por um sertão que sofre devido aos períodos de estiagem e às marcas do trabalho escravo. Nesse sentido, a obra revela a luta dos trabalhadores, mais especificamente as vivências de narradoras que se tornam protagonistas por seus direitos. As vozes em questão denunciam as marcas que demonstram a permanência do passado colonial e da escravidão, que têm consolidado os processos de formação da sociedade brasileira.

No romance, podemos notar que Itamar evidencia uma perspectiva diferente das que encontramos em grande parte da literatura brasileira, mais especificamente aquela produzida antes do século XXI. Essas diferenças são pontuadas nas formas como o autor elabora a história do povo negro, sua cultura e suas identidades. *Torto Arado* pode ser lido como um romance que denuncia as diversas práticas coloniais que outrora silenciaram e apagaram o povo negro da história do Brasil, sendo assim, uma obra que revela o sertão brasileiro e a participação da população negra nesse espaço de uma maneira contra-hegemônica.

Esta forma de desenvolver a narrativa distancia-se de algumas obras de nossa tradição canônica, visto que encontramos como narradoras protagonistas de *Torto Arado* mulheres negras. Essa realidade também é percebida em outras obras e outros/as autores/as da literatura contemporânea, podemos citar Conceição Evaristo e Mirian Alves, entre outras que, como forma de resistência, têm criado narrativas que evidenciam e incluem posicionamentos que subvertem o padrão outrora instalado: o da mulher negra marginalizada e silenciada.

Nesse sentido, quando se trata da trajetória do discurso literário negro, segundo Grada Kilomba (2019), em *Memórias da Plantação*, evidenciam-se dois posicionamentos: o da condição da pessoa negra que é sempre vista como objeto e o da pessoa negra vista como sujeito que tem direito de definir suas próprias realidades e estabelecer suas identidades. Evidenciamos, neste segundo posicionamento, a mescla entre história e ficção, quando a literatura busca retratar alguns elementos dos costumes e da cultura negra, bem como a luta, a resistência e a inclusão de vozes e identidades de mulheres negras anteriormente silenciadas.

¹ *Torto Arado*, do autor baiano Itamar Vieira Júnior, foi a obra vencedora do Prêmio Jabuti de 2020, na categoria Romance Literário. O romance literário trata de um Brasil que abandonou os povos tradicionais que possuem suas histórias marcadas por lutas, desigualdades, desapropriação, luto e, sobretudo, resistências.

Assim, em *A construção do protagonismo feminino negro no romance Torto Arado, de Itamar Vieira Junior*, busca-se pesquisar como são representadas as mulheres negras narradoras protagonistas. Para tal, os conceitos de linguagem, identidade, vozes narrativas, memória e, sobretudo, o resgate da ancestralidade afro-brasileira convergem como uma estratégia fundamental para analisar a construção do protagonismo das personagens principais do romance, além de também observarmos as condições que envolvem as vivências dessas mulheres, os tipos de violência por elas sofridas e as relações sociais que as cercam.

Dentro do que se propõe este estudo, pretende-se demonstrar, através das representações das mulheres negras no interior do romance *Torto Arado*, o processo de amadurecimento que envolve a criação das personagens, levando-se em conta os aspectos físicos e psicológicos sobressalentes durante a construção de suas identidades no fluxo narrativo. O intuito aqui é delimitar e expor uma possibilidade de análise da construção das características dessas mulheres, Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, através de suas experiências e seus pontos de vista, que se relacionam à necessidade de romper padrões impostos pela sociedade, através do que é exposto por Itamar em sua obra. Também interessa apresentar um resgate da pretitude, reconhecendo a participação social feminina negra como importante atenuante da desigualdade de gênero, além de evidenciar o papel da mulher negra como protagonista em sua comunidade.

Busca-se também observar, no romance, algumas possibilidades de diálogo com discussões referentes ao período colonial e à necessidade da descolonização, assim como discutir temas levantados na obra referentes à escravidão moderna, ao patriarcalismo e às práticas que silenciam as mulheres e que se mostram atreladas às formas de repressão e/ou até dominação social por sobre o sujeito mulher negra. Fatores que impedem esse sujeito de exercer em liberdade seus direitos e suas escolhas, estando vitimadas pelas opressões impostas pelo sujeito homem, branco e colonizador.

Nosso aporte teórico está baseado no diálogo entre o pensamento decolonial e o feminismo negro. Notamos que esses textos trazem à tona as questões políticas que têm induzido, em nossa sociedade, as formas de silenciamento às quais as mulheres negras foram e ainda estão expostas e a subalternização, mas também dizem da resistência e do enfrentamento a essas opressões por parte das mulheres negras que lutam contra desigualdades instituídas desde o período colonial. Dois pontos são de grande importância para entendermos os eixos estruturantes dessas desigualdades: o do silenciamento do protagonismo das mulheres negras marcadas pelo racismo patriarcal e o da subalternização das tradições, costumes e religiões africanas.

Dentre o que pretende ser discutido neste trabalho, algumas das seguintes produções bibliográficas foram tomadas como base para o desenvolvimento e a estruturação da nossa escrita. Citamos Del Priore (2013), Perrot (2008), Bassanezi (2004) e hooks (2015) como vozes teóricas que fazem apontamentos acerca da mulher negra no período colonial, e a sua condição imposta de inferiorização, submissão e sexualização, apontamentos também feitos por Amaral (2011) e Mattoso (1988), que apresentam considerações relevantes sobre o povo negro no período colonial. Para entendermos as formas de repressão e dominação por sobre a mulher negra, nos utilizamos dos apontamentos feitos por Perrot (1998) e Lorde (1978), que dialogam sobre a escravidão, o patriarcalismo e o racismo.

Os conceitos de interseccionalidade apontados por Crenshaw (2002) e Gonzalez (1980) nos fazem compreender algumas das formas instituídas de inferiorização exercidas contra as mulheres negras, que levam em conta a intersecção de raça, gênero e classe. Também buscamos trazer como aporte teórico alguns apontamentos sobre as lutas e os processos de resistência e protagonismo de mulheres negras, discussões travadas por Soares (1996), Moura (1986). Destacamos, sobretudo, discussões sobre ancestralidade evidenciadas por Martins (2021), dentre outros teóricos presentes em todo o corpo do trabalho.

A partir da leitura do romance *Torto Arado* e do contato com os referenciais teóricos descritos acima, alguns questionamentos acabaram surgindo como pontos direcionadores para o desenvolvimento da pesquisa, tais como: Qual a importância de uma literatura com protagonismo de mulheres negras no contexto atual brasileiro? Quais as imagens que formulamos em relação à mulher negra tendo como foco as narrativas de algumas literaturas que ainda as tratam com descaso e objetificação? Como o contexto representado dentro de *Torto Arado* influencia as personagens principais no seu processo de construção de identidade e de afirmação de sua própria voz?

Foi através de questionamentos como esses que pudemos perceber que existem histórias e histórias das mulheres negras, e uma grande maioria das que foram reproduzidas em nossa história colonial as associam a lugares subalternos que as diminuem e que, por muitas vezes, estão contrários à realidade de resistência ancestral às opressões sofridas. Ou seja, por vezes, o termo “negra”, segundo os apontamentos feitos por Elisa Larkin Nascimento, se refere “apenas a cor da pele” (2003, p. 49), desprezando e ocultando a referência histórica e a riqueza cultural que o termo realmente carrega: a resistência dessas mulheres na luta por igualdade e por autonomia.

Estudar a respeito da formação da sociedade brasileira no âmbito de sua construção é compreender como ela está alicerçada na escravidão de corpos de negros e de

negras, na subjugação racial e na objetificação desses corpos. O presente trabalho nasce, portanto, de trabalhos desenvolvidos em algumas disciplinas e desenvolve-se para evidenciar os processos de ocultamento e/ou apagamento de histórias de mulheres negras durante o processo de formação da sociedade brasileira de matriz colonial. A partir desses trabalhos desenvolvidos no decorrer da graduação, surgiu a necessidade de compreensão e aprofundamento em histórias que muitas vezes não foram contadas conforme aconteceram, e também de entender melhor as relações sociais que têm feito com que homens e mulheres negras precisem lutar desde sempre em nossa história, sendo obrigados a resistir a todas as formas de opressões advindas do racismo, do sexismo e do patriarcalismo.

Nesse sentido, a falta do estudo apesar das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que obrigam o ensino de história, literatura e arte africanas e afro-brasileiras em escolas, e a demora para que houvesse algum tipo de representatividade negra protagonista em nossa literatura sem que estivesse associada a termos pejorativos, a partir do trabalho de autores e autoras que vêm reforçando histórias positivas do povo negro, fizeram-me questionar alguns pontos de nossa história e de nossa literatura, trabalho que resulta neste TCC.

Dessa forma, o trabalho conta com três capítulos. O primeiro deles, intitulado “A mulher negra na sociedade brasileira”, de maneira geral, apresentará o contexto histórico e social das mulheres negras na sociedade brasileira desde a época da escravidão, que estão inseridas contra suas vontades no sistema patriarcal, sujeitas ao machismo e, sobretudo, sofrendo as repressões advindas do racismo e as consequências geradas por ele. Entretanto, são ressaltadas algumas nuances do protagonismo dessas mulheres mesmo na época da escravidão, envolvidas na luta por vidas mais humanizadas e por direitos.

Continuando, o segundo capítulo, “A mulher negra na literatura”, é a parte do trabalho em que fazemos uma exposição de como essas mulheres eram representadas e quais eram os papéis sociais desenvolvidos e exercidos por elas, na percepção de uma sociedade racista. Partimos, então, para a discussão sobre essas representações em grande parte da literatura de antes do século XX, e como podemos encontrar as mudanças que vão ocorrendo em relação a essas representações, principalmente a partir do século XXI, observando como estão sendo rompidos alguns estereótipos e construídas outras versões por esse sujeito. Desenvolvemos essas considerações partindo da obra *Torto Arado*, discorrendo sobre algumas das vivências das mulheres negras protagonistas do romance que se configura como nosso objeto de estudo.

No terceiro capítulo, “A ancestralidade como forma de resistência”, encontramos algumas considerações a respeito do resgate do passado, da religiosidade e dos ensinamentos repassados pelas gerações, que impulsionam as mudanças e os meios para resistir às

adversidades. Logo, observamos a questão da ancestralidade no romance *Torto Arado*, enfatizando a narradora Santa Rita Pescadeira, entidade que permeia a narrativa e introduz na obra o tema do culto afro-brasileiro do jarê. Vale salientar que, além dos capítulos, o presente trabalho conta ainda, além da Introdução, com as seções de Metodologia, Objetivos, e as Considerações Finais, que trazem os resultados de nossa pesquisa, encerrando com as nossas Referências.

2 METODOLOGIA

A metodologia, de um modo geral, está norteada pela pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa deve ser delineada com o intuito de alcançar os objetivos propostos, produzindo resultados que podem confirmar ou negar as hipóteses lançadas.

Pesquisa é a exploração, é a inquisição, é o procedimento sistemático e intensivo, que tem por objetivo descobrir e interpretar os fatos que estão inseridos em uma determinada realidade. A pesquisa é definida como uma forma de estudo de um objeto. Este estudo é sistemático e realizado com a finalidade de incorporar os resultados obtidos em expressões comunicáveis e comprovadas aos níveis do conhecimento obtido (BARROS; LEHFELD, 1990, p. 14).

O presente trabalho, portanto, será realizado segundo os critérios de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. A pesquisa qualitativa descreve uma relação entre o objetivo e os resultados que podem ser interpretados, nomeando-se como uma pesquisa descritiva. Todas as interpretações dos fenômenos são analisadas indutivamente (FERNANDES, 2003). Esta pesquisa também é de cunho bibliográfico, a qual, segundo Fontelles (2009), busca tecnicamente os resultados baseados em materiais já publicados. Este tipo de metodologia não tem por objetivo “testar as relações de causas e consequências entre fenômenos”, mas sim, procurar favorecer o entendimento e as interpretações de fenômenos inseridos em determinados contextos, de forma descritiva. Quanto ao objeto, classifica-se como uma investigação constituída a partir da pesquisa bibliográfica de uma obra.

A metodologia deste trabalho, através da análise da literatura, está compromissada com a busca de fazer um resgate de histórias de mulheres negras cujas histórias permitem discutir as relações sociais em que elas subvertem certos padrões impostos pela sociedade, deixando de ser vistas apenas como submissas e descobrindo suas próprias vozes e os lugares no quais elas desejam permanecer. As discussões teóricas, as hipóteses da pesquisa e os levantamentos bibliográficos privilegiam discursos que discorrem sobre as vidas das mulheres negras dentro de espaços escravocratas, bem como as formas de subversão e destruição desses espaços por parte dessas mulheres.

Como já mencionado anteriormente, o romance escolhido para análise no trabalho é *Torto Arado*, do autor Itamar Vieira Júnior. A edição utilizada foi lançada pela Editora Todavia, em 2019. A obra está organizada em três partes, cada parte sendo um capítulo. O primeiro capítulo é intitulado “Fio de corte”, narrado pela ótica da primeira personagem negra protagonista, Bibiana; o segundo tem como título “Torto Arado” e é apresentado por nossa segunda personagem protagonista, Belonísia; por último, temos o capítulo nomeado “Rio de

sangue”, que é narrado por uma voz feminina, mas que, neste caso, é uma entidade espiritual de religião de matriz africana, Santa Rita Pescadeira, que, para possuir voz, precisa de um condutor, ou seja, de um corpo o qual possa utilizar.

O caminho que será percorrido neste trabalho aconteceu da seguinte maneira. A princípio, foi feita a leitura de todo o romance, tendo como foco as personagens protagonistas femininas que narram cada capítulo da obra. A partir desta leitura, começamos a analisar de maneira detalhada a trajetória que cada personagem narradora percorre e como ela apresenta as demais personagens que compõem o enredo, identificando as etapas, os processos e os motivos que possam ser associados à nossa proposta de pesquisa, que é a identificação de como e por que as suas vozes eram silenciadas e como acontece o processo de construção do protagonismo, rompendo com o silenciamento e sobre tudo como acontece a processo de resgate da ancestralidade como elemento chave de mudança.

Em outras palavras, será analisado como as três mulheres, em cada capítulo, apresentam alguns fatos por suas próprias óticas, colaborando com o processo de construção de suas vozes, outrora silenciadas. Serão apresentados alguns pontos e elementos considerados cruciais para que essa evolução seja evidenciada, desde o início do romance até o final. O que será evidenciado é como algumas experiências vividas e observadas por elas desenvolvem características que acabam distanciando-as das mulheres negras representadas na grande maioria das obras canônicas, como submissas, inferiores e/ou até como objeto de seus senhores.

Para embasar e sustentar nossa análise, serão utilizados alguns autores e autoras, dentre eles/as, Del Priore (2013), Perrot (2008), hooks (2015), Moura (1986), Mott (1988), Grada Kilomba (2019), Conceição Evaristo (2015), entre outros/as já mencionados/as na seção anterior, que apresentam e discutem assuntos relacionados ao feminismo negro, à escravidão, ao patriarcado, à colonialidade, à descolonialidade, ao silenciamento e aos processos de resistência. Esses autores e autoras irão compor nossa fundamentação teórica, como também farão parte das discussões durante a nossa análise, na exposição dos pontos e das situações consideradas cruciais para atender o propósito da nossa pesquisa. As situações analisadas estarão ligadas diretamente às consequências geradas pelo colonialismo, às formas de poder de dominação, como o patriarcalismo, a algumas formas de escravidão moderna e ao inconformismo sentido pelas mulheres negras ao não quererem ser apenas as que são deixadas à margem, sem voz e sem direito de escolher seus próprios caminhos.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar os processos de construção do protagonismo da mulher negra a partir das representações das personagens Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira, de *Torto Arado*.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar, na obra *Torto Arado*, a evidência dada às questões da pretitude e do feminismo negro, situando as narradoras negras como protagonistas de suas próprias histórias;
- Destacar alguns diálogos mantidos entre o período colonial e o contexto social e histórico do romance, apontando as marcas do que podemos chamar de escravidão moderna;
- Evidenciar formas e práticas que, por muito tempo, agiram como agentes de silenciamento do povo negro e de sua cultura, especialmente no que se relaciona às mulheres negras;
- Discutir a importância de uma literatura com protagonismo feminino negro, como forma de resistência no contexto contemporâneo, refletindo sobre as construções das imagens dessas mulheres dentro da literatura.

4 A MULHER NEGRA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Realizar estudos com temáticas relacionadas às histórias das mulheres negras demanda muito cuidado, não por isso ser considerado um assunto frágil, mas sim porque é preciso observar e analisar muitos aspectos que não devem ficar de fora. Por muito tempo o lugar destinado às mulheres negras foi o do silenciamento. Falar sobre as mulheres negras por um viés que não seja o da submissão é romper com o silêncio que uma vez lhes foi imposto. Por muito tempo, as mulheres negras foram excluídas dos espaços de poder e de prestígio por inúmeros motivos, ou foi o que fizeram a sociedade acreditar, acontecendo um apagamento histórico e cultural. Em alguns textos literários é bastante comum a imagem da mulher negra ser marcada pela submissão, pelo sofrimento e pela resignação em meio a uma sociedade patriarcal e escravocrata.

Isso ocorre, por exemplo, em *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, obra na qual podemos observar esse contexto de silenciamento da mulher negra através da personagem “Tia Nastácia”, que é a empregada da família. Ser mulher na sociedade brasileira é desafiador, mas ser mulher negra é viver de lutas para conquistar espaços e voz. São impostos a elas destinos difíceis desde o começo de suas vidas. Limites, formas de comportamento e regras são colocadas sobre elas. A situação da mulher negra na sociedade, portanto, é um reflexo consequente das formas como as camadas sociais são construídas.

No contexto do Brasil escravista, quando foi colônia de Portugal, a mulher negra, porém não somente ela, mas também o homem negro, foram colocados sob domínio do homem branco. Contudo, para a mulher negra, independentemente da classe social do homem branco, a negra se encontrava em um lugar mais inferior ainda. Os escravizados, fossem homens ou mulheres, nada podiam reivindicar, e as condições de trabalho expostas eram bastante precárias. Mesmo assim, eles não aceitavam essa situação de forma passiva. Sobre isso, em *O Curso de Formação para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras*, especificamente no *Módulo 2 - História do Negro no Brasil*, a autora Sharyre Piroupo do Amaral (2011) pontua:

Prova de que os homens e mulheres escravizados não se conformavam com a escravidão era a necessidade do uso da violência física como forma de manter a dominação. Qualquer ato de desobediência dos escravizados era respondido com o castigo físico exemplar, através do qual o senhor pretendia reafirmar o seu poder, marcando no corpo do escravizado a sua submissão. (AMARAL, 2011, p. 13).

Para as mulheres negras, como já evidenciado, isso ainda foi pior, pois, além de trabalharem como mão de obra em lavouras, roçados, casa de senhores e outros contextos, elas, em casos bastante numerosos, ainda serviam para satisfazer os desejos sexuais de seus senhores, como suas mercadorias. Pensando nesse contexto, em *Ser escravo no Brasil*, Mottoso (2003) acrescenta: “O/a escravo/a negro/a tornado/a mercadoria no século XVI ao XIX, mercadoria absolutamente indispensável ao Brasil.” (MATTOSO, 2003, p. 24). É importante evidenciar que tais atrocidades não eram apenas praticadas pelos homens brancos, mas também pelas mulheres brancas, esposas dos senhores de pessoas escravizadas, que, mesmo com pouca autoridade, praticavam desumanidades contra as mulheres negras.

Sabemos que o Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão. Segundo Mattoso (2003), antes da abolição, algumas leis abolicionistas já haviam sido sancionadas: a do Ventre Livre (1871), que concedeu liberdade às crianças nascidas no país de mães escravizadas, e a Lei que libertou os sexagenários (1885). A autora ainda pontua que por intermédio dessas leis não deveria mais existir crianças escravizadas, conseqüentemente a escravidão estaria ameaçada por falta de futuros escravizados cativos. Porém, a mesma evidencia uma nova forma de escravidão. Vejamos,

Na verdade, a lei é bem menos liberal do que parece. Com efeito, a liberdade concedida aos nascituros fazia-se acompanhar de cláusulas restritivas terríveis, pois a lei estipula que o menor permaneça sob autoridade do senhor e de sua mãe, que devem juntos, educá-lo até a idade de 8 anos. Quando atinge essa idade, o senhor, proprietário da mãe escrava, tem duas opções: receber do Estado uma indenização de 600 000 réis ou exercer o direito de utilizar os serviços do menor até que complete 21 anos [...] Quando a criança chega aos 8 anos, o senhor deve escolher a modalidade que mais lhe convém. Quase sempre fica com o menor. É uma nova forma de escravidão, pois a lei não determina o número de horas de trabalho, o regime sanitário ou a alimentação a serem dados ao jovem “escravo livro”, que fica inteiramente à mercê do senhor. (MATTOSO, 2003, p. 177).

O problema era que nenhuma dessas leis garantia condições de trabalho, educação, alimentação e moradia para os povos antes escravizados que viviam em condições desumanas, por tantos séculos. Por sua vez, entendemos que, de fato, não acontecia a liberdade tão esperada e sonhada, mas sim uma forma de aprisionar os corpos negros. Por mais que a Lei Áurea garantisse a abolição dos escravizados, ela não revogava os estigmas criados e atrelados à cor e ao sexo.

As mulheres negras, em alguns contextos, passavam a viver escondidas nas cozinhas para não serem notadas por outras pessoas, mas em algumas situações havia aquelas que

desempenhavam papéis de resistência, lutando sempre por condições melhores e por igualdade. Os espaços destinados a elas para socialização e vivência afetavam diretamente a construção de suas identidades e as formas como percebiam seu lugar na sociedade. Nesse contexto, o que sobrava para a mulher negra dentro da sociedade muitas vezes era o papel de servidão. Tratava-se de um processo tido como natural, que mascarava o que realmente estava acontecendo: a exploração de seus corpos e identidades, ou seja, uma escravidão atualizada.

Durante muito tempo, o espaço público era onde se realizavam os acontecimentos em sociedade, mas cabia ao homem ser o merecedor de fazer parte desses contextos. As mulheres, de modo geral, eram pouco frequentadoras desse espaço, pois estavam restritas aos espaços de suas casas. Desse modo, eram invisíveis. Nota-se que essas mulheres não precisavam sair de suas casas para sentirem na pele o peso da dor da discriminação. Ou seja, a voz feminina, especialmente a negra, sofreu com os costumes da época colonial, que se apoiavam na ideia de que a mulher deveria desempenhar o papel de mãe e dona de casa, não possuindo liberdade de expressão, tendo seus direitos negados e vivendo sob a supremacia do homem branco, estando sempre em uma relação de dominação. Por muito tempo, a representação da mulher negra na sociedade foi exprimida, já que era classificada como incapaz de participar como igual em relação aos homens no mercado de trabalho.

Mesmo assim, na forma de resistência contínua, as mulheres negras se movimentam desde o período colonial. Lélia Gonzalez, em *Por um feminismo afro-latino-americano*, destaca: “Enquanto escrava do eito, ninguém melhor do que a mulher para estimular seus companheiros para a fuga ou a revolta” (2020, p. 46). Pois, para sobreviverem ao regime escravocrata, acabaram desenvolvendo estratégias e articulando diversas ações para que começasse o processo de suas libertações. Também possuíam participação nos cuidados espirituais, lideravam quilombos e ocupavam um lugar central na estruturação de suas famílias.

Nas relações sociais, até mesmo as mulheres brancas enfrentavam algumas formas de violências. A essas mulheres era associada a condição de frágil. Mudando o nosso olhar para os corpos das mulheres negras, os ataques eram ainda piores. Os seus corpos eram tidos como objetos, sem valor de prestígio, apenas valor de mercado, como foi no caso da escravidão, e também eram tidos como inferiores em relação a quaisquer outros, inclusive ao homem negro, e por isso, acabavam sendo negados a elas alguns espaços. Neste sentido, surge uma falsa perspectiva na qual justifica-se a diferenciação racial, pois, ao obter o controle sobre os corpos negros, o capitalismo europeu se mantém até a atualidade.

O capitalismo socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo.

Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. (FOUCAULT, 1996).

As mulheres negras escravizadas não eram somente produtoras de bens materiais, mas também reprodutoras de mão de obra, ou seja, mesmo contra suas vontades elas deveriam sempre produzir novos corpos escravizados, para aumentarem a riqueza e a mão de obra de seus senhores. As mulheres negras tornaram-se presas do sistema, do sadismo e da violência, contudo sempre resistindo. Mesmo após a abolição da escravatura, na sociedade, as mulheres negras continuaram a trabalhar em empregos desqualificados, recebendo pouco, e às vezes nem recebiam seus pagamentos, trocavam seus serviços por moradia ou comida, em péssimas condições de tratamento. Segundo Priore & Bassanezi (2004), as trabalhadoras negras e pobres, na década de 70 do século XX, eram consideradas ignorantes, incapazes e irresponsáveis, tidas como inferiores às mulheres brancas, que também não possuíam muitos privilégios, mas que ainda estavam acima das mulheres negras. As trabalhadoras negras eram estigmatizadas e associadas a imagens de imoralidade, de degradação e de prostituição.

4.1 RACISMO, SEXISMO E PATRIARCADO: AGENTES DO SILENCIAMENTO NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

A mulher negra é o grande foco das desigualdades existentes na sociedade, principalmente nos contextos raciais e sexuais. É na sociedade que as formas de desigualdade são concretizadas e, em muitos casos, naturalizadas. Contudo, não podemos deixar de mencionar a desigualdade de classe. Muito se sabe que, quando estudamos sobre mulheres negras, estamos falando de um grupo que foi e ainda é, em vários contextos, invisibilizado e cercado de estereótipos. Ao longo dessa caminhada marcada pela invisibilidade e pela discriminação, as mulheres negras eram sempre as últimas. Segundo Perrot (2008), ainda se discutia sobre a sua condição: questionava-se “se as mulheres eram seres humanos ou estavam mais próximas dos animais”. Eram pensamentos como estes que limitavam e colocavam as mulheres negras à margem. O mito da inferiorização começa a partir de contextos se assume a relevância de características como cor da pele e sexo.

As mulheres negras são detentoras de importantes e significativos conhecimentos que por muitos séculos foram mantidos à margem e que foram roubados pelo patriarcado e o colonialismo. Os interesses gerados a partir do processo de exploração colonial foram uma das formas que embasaram esse silenciamento. Calar as mulheres negras garantia manter um

domínio sobre elas. Esse processo por muito tempo tornou-se um procedimento visto como natural, que visava aos interesses das pessoas e dos grupos que de alguma maneira se beneficiavam dos privilégios gerados pelo racismo, pelo sexismo e pelo patriarcalismo, tornando-os ativos até os dias atuais, embora muito já tenha mudado. Por muito tempo, justificaram-se tais ações contra a mulher negra partindo da convicção de que a negra era desprovida de habilidade intelectual e de racionalidade.

o conceito ocidental sexista/racista de quem é o que é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente torna o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros (hooks, 1995, p. 468).

Mais uma vez encontramos posicionamentos relacionados à mulher negra que criticam o lugar de servidão impostos sobre ela. Em outras palavras, por exemplo, quando se trata de mulheres negras em ambientes de trabalho, faz parte do senso comum ver profissionais negras em quaisquer que sejam os cargos e automaticamente as associar a faxineiras, pois, para muitos as mulheres negras, não possuem intelecto suficiente para estar à frente de cargos com maiores remunerações. Isso não é incomum, e se explica pelo racismo e pelos diversos tipos de preconceitos, se dando a partir de representações racistas e sexistas de que elas devem sempre servir ao outro e não serem servidas, e que dificilmente poderão possuir um cargo que comande e ordene. O lugar que a branquitude e o patriarcalismo destina para as mulheres negras é apenas o de servidão, eventualmente se espera delas uma total aceitação disso. Quando tentam reverter essa situação, logo se fala que não está acontecendo nenhuma forma de racismo, agressividade e violência. Tudo passa a ser disfarçado.

Segundo hooks (2015), se não são levadas em consideração as opressões de raça e classe social, as mulheres negras permanecerão com seus direitos invisibilizados. Tanto as mulheres brancas agregam o grupo opressor pela sua origem racial quanto os homens negros em virtude de sua masculinidade. “O sexismo masculino negro prejudicou a luta para erradicar o racismo, assim como o racismo feminino branco prejudica a luta feminista” (HOOKS, 2015, p. 208).

Busca-se compreender ainda os motivos que justificam as práticas de silenciamento das mulheres negras e as motivações que causaram as formas de preconceitos em uma sociedade construída no racismo e por ele alimentada. Pode-se dizer que essas mulheres foram educadas no medo, por isso nem sempre lutaram por si.

Em outras palavras, por exemplo, quando se trata de mulheres negras em ambientes de trabalho, faz parte do senso comum ver profissionais negras em quaisquer que sejam os cargos e automaticamente as associar a faxineiras, pois, para muitos, as mulheres negras não possuem intelecto suficiente para estarem à frente de cargos com maiores remunerações. Isso não é incomum, e se explica pelo racismo e pelos diversos tipos de preconceitos, se dando a partir de representações racistas e sexistas de que elas devem sempre servir ao outro e não serem servidas, e que dificilmente poderão possuir um cargo que comande e ordene. O lugar que a branquitude e o patriarcalismo destina para as mulheres negras é apenas o de servidão, e eventualmente se espera delas uma total aceitação disso. Quando tentam reverter essa situação, logo se fala que não está acontecendo nenhuma forma de racismo, agressividade e violência. Tudo passa a ser disfarçado.

A história das mulheres negras e de suas formas de resistência foi construída a partir de aprendizados e de muitas lutas contra os sistemas de dominação e de exploração advindos do período colonial, escravista, patriarcal, racista e sexista, que são repassados de geração a geração. Contudo, a formação de consciência de classe, de gênero e de raça vem construindo um caminhar novo. Mulheres negras de várias partes do mundo, incluindo o Brasil, vêm mudando a sua forma de pensar e de posicionar-se.

O racismo, o sexismo e o patriarcalismo são elementos que historicamente fazem parte de como se estruturaram as relações sociais no Brasil. Entendemos a organização da sociedade brasileira através dos seus aspectos políticos e econômicos, porém sem deixar de lado os aspectos ligados à questão racial e de gênero.

Segundo Perrot (1998), em *Mulheres Públicas*, logo em sua introdução, ela evidencia que “o lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático [...] uma mulher em público está sempre deslocada.” (PERROT, 1998, p. 8). Em outras palavras, podemos pensar que essas mulheres na sociedade são invisíveis, ou melhor, estão sendo colocadas nesse local de invisibilidade. Já para as negras, não é nenhuma novidade que essa condição seja bem pior. Elas, em sua composição histórico-social, sempre encontraram limitações e imposições para realizarem ações e serem representadas de forma justa na sociedade. Quando representadas, via-se no mais comum dos casos, a mulher como doméstica. Perrot ainda acrescenta que “A mulher foi criada para a família e para as coisas domésticas. Mãe e dona de casa, esta é a sua vocação, e nesse caso ela é benéfica para a sociedade inteira.” (PERROT, 1998, p. 9). Evidentemente, neste caso, ela fala sobre as mulheres brancas, sobre as negras, elas eram fortemente ignoradas, sempre sujeitas a serem obedientes.

Quando voltamos nossos olhares para as mulheres negras, o amadurecimento sobre os seus direitos foi e continua a ser mais cruel, já que foram invisibilizadas e na maioria dos casos vistas como apenas corpos criados para o trabalho ou para a atividade sexual. Neusa Santos (1983), em seu livro *Tornar-se Negro*, contextualiza as angústias dos negros na busca do reconhecimento perante a sociedade, já que, por sua vez, o ideal branco colocou o ser negro no lugar de inferioridade e de subalterno perante a elite branca. As mulheres negras lutaram e vêm lutando ao longo dos séculos contra o silenciamento da sua cultura, pelo sonho da emancipação, pela liberdade e pela autonomia.

Os movimentos feministas surgem da necessidade de combater o sistema de dominação existente. Segundo Scott (1990), por conta da dominação sobre a mulher, surgem os movimentos feministas, que são formados na tentativa de romper com a forma com a qual a mulher era tratada, já que ela era notadamente subordinada à figura do homem, e colocada em uma escala de menor valor em vários aspectos, caracterizados tanto no âmbito físico/biológico quanto no contexto psicológico. Os movimentos feministas visam à igualdade dos direitos entre homens e mulheres, na expectativa de romperem com as estruturas patriarcais. Sobretudo, movimentos feministas são políticos, sociais e filosóficos.

O patriarcalismo tem sido um tema bastante discutido durante décadas. O debate acaba possuindo uma centralidade em uma série de estudos feministas que buscam analisar a vida das mulheres na sociedade, a partir de autoras como, por exemplo, bell hooks, Lélia Gonzalez, Grada Kilomba e Conceição Evaristo, que traçam uma relação entre o patriarcado e a contemporaneidade. Alguns autores e principalmente autoras acabam denominando que uma forte característica do patriarcado é de classificar-se como uma forma de organização social na qual é atribuído ao chefe de família o exercício de poder sobre os demais membros e algumas vezes para denominar regimes políticos mais complexos.

Na falta de instituições políticas, o patriarca é soberano em suas decisões constituindo a autoridade máxima em assuntos econômicos, jurídicos e políticos sobre seus comandados. [...] A autoridade do chefe é ilimitada, com poder de vida e morte, de reconhecimento ou exclusão econômica, e de arbítrio sobre os destinos de seus comandados (AGUIAR apud FLEURY-TEIXEIRA; MENEGHEL, 2015, p. 270).

A escravidão foi de fato fundamental para que o racismo fosse naturalizado no Brasil. Desde o período colonial, os homens brancos regulamentados por uma ordem criada por eles mesmos tendem a ditar as relações sociais e como o indivíduo deve ser classificado na sociedade, relacionando-o através de raça e gênero.

4.1.1 A mulher negra e o conceito de interseccionalidade

Segundo Saraiva e Duarte (2010), a construção da identidade de uma pessoa é um processo histórico e relacional. Tomamos consciência do que somos quando nos relacionamos com outras identidades e culturas, que é o que possibilita ao indivíduo sentir-se parte de um grupo. O conceito de interseccionalidade foi apresentado por Kimberlé Crenshaw no final da década de 1980, dentro do marco da luta feminista. A princípio, sua criação estava apoiada nas dimensões de raça e gênero, no âmbito da violência contra mulheres de cor. Ao mesmo tempo, criava-se um silêncio sobre as diferenças internas de grupos de sujeitos. Esse silêncio favorecia grupos tidos como de prestígio, grupos especificamente compostos por mulheres brancas, que excluía as mulheres negras do feminismo, ou seja, um feminismo que em sua origem considerava apenas as mulheres brancas e que defendia os direitos apenas delas.

Observa-se que, nem mesmo as mulheres brancas, não em sua totalidade, mas em grande parte, estavam preocupadas em lutar pelos direitos das mulheres negras, e pouco se importavam.

Afirma a autora:

Centrarei as mulheres negras nesta análise a fim de contrastar a multidimensionalidade das experiências das mulheres negras com as análises de eixo-único que distorcem tais experiências. Esta justaposição, não apenas revelará como as mulheres negras são teoricamente excluídas, como também ilustrará como esta estrutura comporta sua própria limitação teórica que minam os esforços para ampliar as análises feministas e antirracistas. (CRENSHAW, 2002, pp. 139-140).

Para a autora, essa compreensão dos feminismos hegemônicos enxergava as categorias raça, classe e gênero como mutuamente excludentes, além de proporcionar análises equivocadas sobre racismo e sexismo, impedindo em parte estratégias mais efetivas e ligadas à realidade para o enfrentamento das opressões.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Neste sentido, a interseccionalidade é um modo de unir as consequências da interação entre as formas de subordinação, o sexismo, o racismo e o patriarcalismo. Para a autora, existe uma relação inerente do racismo com a exploração patriarcal pelo sistema capitalista que, por sua vez, naturaliza a exploração e o racismo estrutural. Dessa forma, a discriminação

interseccional foi pensada em virtude da constatação das diferentes formas de incidências e impactos discriminatórios entre as mulheres negras. No texto *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (1980), Lélia Gonzalez articula racismo e sexismo quando enfatiza questões específicas da mulher. Neste texto, acentua as opressões de raça, sexo e classe. Para ela, as opressões de raça, gênero e classe estão para além da hierarquização, estando a classe como determinante fundamental e princípio organizativo, e o sexo e a raça, como opressões apropriadas pelo sustentáculo do capitalismo.

4.2 A MULHER NEGRA E AS FORMAS DE PROTAGONISMO

As mulheres negras sempre estiveram presentes em movimentos de contestação e de luta ao longo da nossa história. Elas resistiram de diversas formas. Combatiam as diferentes formas de opressão a que estavam submetidas, mesmo enfrentando muitas dificuldades para se afirmarem. Desde o período colonial, as mulheres negras enfrentam continuamente relações de desigualdade, havendo uma forte invisibilidade sobre elas e suas histórias. É importante contar histórias que foram deixadas de lado, evidenciar mulheres negras protagonistas de lutas e de resistências. As mulheres negras da época colonial já executavam ações para combaterem o modo de produção escravista e tentavam e se opunham aos seus senhores.

Neste contexto, podemos evidenciar os estudos feitos por Mott (1988), um dos grandes nomes quando falamos sobre resistência negra no período da escravidão. Em seus estudos, aponta críticas destinadas ao homem branco, ou seja, as histórias contadas por ele, que excluía diversas classes, dentre elas a da mulher negra escravizada, ou melhor dizendo, não a excluiu, mas contou versões que encontramos a mulher negra escravizada como passiva perante as situações que foram impostas a ela. Porém, não foi bem assim. Mott deixa bem claro que essas mulheres sempre lutaram e resistiram às formas de opressão dentro do sistema cativo. As negras cativas buscavam de maneiras variadas e contínuas formas para recusarem a dominação que lhes era imposta. Essas maneiras iam desde ações individuais, como fugas, abortos, suicídios, até ações mais coletivas, como organizações e participações em rebeliões e formação dos quilombos.

Cecília Moreira Soares apresenta uma particularidade importante sobre as negras escravizadas, uma nomenclatura que carrega consigo um destaque sobre as formas como a mulher negra escravizada resistia: a escravizada ganhadeira. Assim, a mulher negra ocupou lugar destacado no mercado de trabalho urbano:

As escravas ganhadeiras, como se chamavam, eram obrigadas a dar a seus senhores uma quantia previamente estabelecida, a depender de um contrato informal acertado entre as partes. O que excedesse o valor combinado era apropriado pela escrava, que podia acumular para a compra de sua liberdade ou gastar no seu dia-a-dia. Geralmente os senhores respeitavam as regras do jogo, embora a legislação fosse omissa sobre este assunto. Somente a partir da chamada Lei do Ventre Livre, em 1871, foi facultado aos escravos o direito de acumular um pecúlio. Esta prerrogativa favoreceu particularmente os escravos e escravas de ganho, que conseguiam fazer economias devido à sua ocupação, bem inseridos que estavam na economia monetária da época. (SOARES, 1996, p. 57)

As escravizadas de ganho desenvolviam as mais diversas atividades do comércio ambulante. Neste contexto, as negras de ganho faziam de seus pontos de venda espaços para articulação política de resistência. Pois, além de seus produtos, elas transportavam também sua cultura, suas estratégias e seus ideais de liberdade. Fica evidente que as contribuições das negras de ganho em relação às articulações entre escravizados na luta pela libertação das amarras do sistema de dominação escravista foram de grande relevância. Os espaços de venda forneciam os repasses de informações e o encontro de lideranças no âmbito da luta contra a escravidão.

Contudo, essa movimentação não passou despercebida, a mobilidade das negras de ganho começou a gerar preocupações para as autoridades, como um movimento de ameaça à ordem estabelecida a partir da troca de mensagens com outras/os negras/os que estavam insatisfeitas com a situação em que viviam. As negras escravizadas cativas não deixavam de contribuir e colaborar de forma unificada com a causa, mesmo sofrendo diversas formas de castigo pelos seus senhores, na tentativa de doutrinar os demais para não lutarem contra o sistema escravista. Mas, mesmo nesse contexto marcado pelo autoritarismo, as cativas permaneciam na luta, com práticas silenciosas e mais articuladas, dentre elas a fuga, que, por exemplo, simboliza uma espécie de afronte ao modo de dominação senhorial.

Para as negras escravizadas, sejam cativas ou de ganho, não era o bastante estarem livres sozinhas, não queriam a liberdade individual, mas sim garantir um modo de livrar também seus filhos(as) das explorações, chegando até o ponto de cometerem, como forma de resistir e livrá-los da opressão, abortos e infanticídios. Nesta perspectiva, Moura (1986) acrescenta:

O escravo não foi aquele objeto passivo que apenas observava a história. Não foram os escravos “testemunhos mudos de uma história para a qual não existem senão como uma espécie de instrumento passivo” [...] pelo contrário, um componente dinâmico permanente no desgaste do sistema, através de diversas formas, e que atuavam, em vários níveis[...] (MOURA, 1986, p. 8).

Os movimentos em busca da liberdade e da dignidade resultaram na formação dos quilombos como uma das maiores expressões de resistência do povo escravizado, resultado esse que foi capaz de estremecer as estruturas de uma sociedade organizada sob a dominação

senhorial. De acordo com Moura (1986, p. 18), os quilombos se caracterizam como uma forma de resistência coletiva organizada entre os escravizados e as escravizadas que lutavam contra o sistema opressor.

Esses quilombos tinham vários tamanhos e se estruturavam de acordo com o seu número de habitantes. Os pequenos quilombos possuíam uma estrutura muito simples: eram grupos armados. As lideranças, por isto, surgiam no próprio ato da fuga e da sua organização. Os grandes, porém, já eram muito mais complexos. (MOURA, 1986, p. 17)

É importante ressaltar o lugar da mulher negra no processo de formação desses quilombos, em especial as escravizadas ganhadeiras, pois, como já mencionado antes, elas possuíam mais flexibilidade de locomoção, o que, por sua vez, conseguiria articular melhor os processos de resistência. Tornavam-se ainda importantes lideranças religiosas e conselheiras da comunidade, lugares de destaque que a literatura feita por brancos evitou contar. Não parando por aí, guiavam a população negra no desenvolvimento das primeiras atividades de resistência à escravização.

As historiadoras Cecilia Soares (2006) e Maria Lucia Mott (1988), em suas publicações, fazem denúncias sobre a invisibilidade imposta à participação das mulheres negras nas revoltas, nos quilombos e nos estudos do período da escravidão. Segundo Soares, essa invisibilidade se concretiza a partir da visibilidade dada às ações dos homens negros. E Mott (1988) complementa que esse resgate da história dos feitos do homem negro ocorreu em detrimento das mulheres negras. Dessa forma, o homem negro foi apresentado como sujeito dos fatores e processos de resistência, enquanto as mulheres negras foram rebaixadas ao papel de simples objetos sexuais e de mercadorias.

É certo que não é nenhum segredo muito menos uma novidade que o sistema escravista violentou a população negra física, psicológica, moral e culturalmente, mas fica incontestável que esta não aceitava tudo passivamente, ela reagiu ao controle, à violência e à tentativa de desumanização desde o começo da escravidão até os dias atuais. As estratégias desenvolvidas pelas mulheres negras para subverterem e enfrentarem as discriminações sobre seus corpos foram muitas. Mott (1988) aponta que a própria negação ao trabalho, as simulações de falsas doenças ou até mesmo forçar incompetência eram maneiras de opor-se ao sistema. Mott ainda declara que algumas escravizadas usavam da sexualidade como rebeldia, para conseguirem vantagens, dentre elas evitarem alguns castigos. A forma mais extrema utilizada para evitar a violência e os castigos foi o suicídio.

Sabemos que a escravização foi terrivelmente vivida pela população africana, concentrando-se ainda mais sobre as mulheres negras, sujeitas não apenas ao trabalho escravizado, mas, também, à exploração sexual. Contudo, em meio a esse contexto de intensa apropriação e opressão, as negras cativas sempre desafiaram o regime escravista. Tornaram-se símbolos de luta e forjaram ações de combate às estruturas dominantes. A ausência referente ao protagonismo das mulheres negras se sustenta sobre um tripé da discriminação racial construída historicamente. Essa ausência, de certo modo, tenta silenciar e/ou inviabilizar a resistência e a luta das negras em uma sociedade que cultiva o racismo, seja ele velado ou explícito, em outras palavras, isso serve para legitimar o discurso do colonizador. Contudo, como vimos anteriormente, mesmo em meio às mais variadas formas de repreensão, as mulheres negras sempre resistiram.

5 A MULHER NEGRA NA LITERATURA: O ROMANCE *TORTO ARADO*

Entendemos que literatura é uma forma de representação e que se faz representar a partir de várias nuances e contextos. Conforme o historiador francês Roger Chartier (1991), representar é dar visibilidade ao outro e falar em nome de outro, é uma maneira de garantir espaços que outrora lhe foram negados. Contudo, essas formas de representação podem e vão variar de acordo com as relações de poder em que estão envolvidas. Torna-se evidente diante de tudo que já foi exposto até aqui a problemática da representação feita pelo homem branco e patriarcal diante da monopolização dos direitos de fala.

Quando refletimos acerca do papel da mulher negra na literatura, seja como autora seja como personagem, uma parte de nossa literatura nos mostra que existe uma homogeneidade racial que não representa a sociedade brasileira: justamente aquela que é norteadada por um mercado literário mediado por vozes masculinas, no qual as mulheres ainda são minoria. Isso aconteceu devido, durante muito tempo, a presença da mulher negra na literatura ser muito pequena, e os seus desafios portanto serem enormes, mas que hoje em dia isso tem mudado, a presença está cada vez maior. Sabemos que muitas vezes o povo negro é representado por meio de personagens coadjuvantes, com representação preconceituosa e/ou até mesmo suas escritas são apagadas. Quando voltamos nosso olhar para as mulheres negras, isso se intensifica ainda mais. Autoras como Conceição Evaristo e Francy Silva discutem bastante pontos como esses em suas obras.

Durante muito tempo, o espaço das letras esteve reservado para a elite branca e masculina. A literatura já foi um espaço de exclusão e de negação para muitas mulheres negras. A representação das mulheres negras na literatura, ao longo da história, foi feita com base na construção de escritores brancos. As caracterizações dessas mulheres eram desenvolvidas socialmente pelo imaginário masculino, explorando-as através de temas como sedução, beleza, resistência física dentre outros, voltados para os seus corpos, e nunca mencionando o que elas pensavam ou desejavam.

Observar a representação das mulheres negras na literatura brasileira é perceber alguns fatores. Um deles é que alguns dos autores tanto dos primeiros textos da literatura nacional quanto dos mais renomados do século XX representam essas mulheres como sujeitos inferiores, tratando seus corpos como objetos. Dessa forma, nota-se que a representação das negras na literatura foi estigmatizada. A carga de preconceito e estereótipos a qual elas foram submetidas na sociedade reflete-se na literatura por meio de representações sexistas, racistas e machistas. Em *O corpo feminino em debate*, obra organizada por Maria Izilda S. de Matos e Rachel Soihet

e lançada pela Editora Unesp, evidencia-se, através dos estudos de Perrot, que, na sociedade, culturalmente, as mulheres negras, especificamente seus corpos e mentes, passaram por represálias e por um forte domínio masculino que gerou um silenciamento, como apresenta Perrot (2003, p. 13): “pesa primeiramente o corpo, assimilando à função anônima e impessoal. [...] Mas esse corpo continua opaco, fala-se dele. Mas ele se cala”. Não apenas os corpos das negras são silenciados, mas também o reconhecimento de serem sujeitos.

Pensando sobre isso, pode-se perceber que as mulheres negras em nossa tradição literária, de modo geral, não costumam aparecer como heroínas, musas ou donas de suas próprias histórias, pelo olhar masculino. Infelizmente, essa representação da mulher negra como objeto, construída ao longo do tempo na literatura, foi muito marcante durante os séculos XVIII e XIX. Suas representações literárias eram amarradas às imagens de sua vida de escravidão, de corpo-objeto de prazer e de corpo-procriação. Nesse sentido, podemos citar algumas obras, como *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, e *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, que apresentam uma visão racista estereotipada sobre a mulher negra.

Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, também se destaca nesse sentido, vemos uma representação animalizada da personagem Tia Anastácia, que cuida dos afazeres domésticos e aparenta ser uma pessoa feliz e satisfeita com a situação. Contudo, existem alguns escritores e escritoras negros e negras que não desistem de lutar pelos seus espaços, ao publicarem obras que subvertem esse perfil. Atualmente, no século XXI, como já citamos anteriormente, muita coisa vem se modificando. Podemos notar isso em *Torto Arado*, na forma como Itamar representa as personagens mulheres negras, como “sujeitas” que subvertem padrões.

Nota-se que, principalmente a partir do século XXI, a literatura feita por mulheres negras vem ganhando cada vez maiores espaços. Graças à literatura contemporânea, essas mulheres vêm se destacando e cada vez mais sendo valorizadas. Encontramos escritoras negras que têm buscado novas representações sociais sobre si, ou seja, uma imagem que não esteja ancorada às imagens de silenciamento de seu passado de escravidão e de corpo-objeto de procriação e de prazer. Escritoras negras como Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro, Maria Firmina dos Reis e tantas outras, e até escritores homens negros, como Itamar Vieira Junior, escrevem sobre mulheres negras como sujeito-personagem, e não mais um corpo apresentado por terceiros, em sua maioria homens brancos. Trata-se de “sujeitas” que se autoafirmam a partir de uma subjetividade própria: a mulher negra dentro da sociedade, e não à margem dela. Mulheres negras que deixam de ser o objeto da escrita literária, distanciando-se do objeto da representação, escrevendo suas próprias histórias.

As relações entre literatura e sociedade nos remetem às conjunturas históricas e ideológicas que, explícita ou implicitamente, atuam na definição de ambas. A representação das mulheres negras na literatura canônica reforça diversos estereótipos nas obras, o que apresenta um desserviço a essa parcela da sociedade, que já, por muito tempo, foi e ainda é tratada com descaso e desprezo. Esse contexto acaba evidenciando um abismo social na sociedade brasileira. A abolição não garantiu que esse abismo entre a sociedade e os direitos do povo negro diminuísse, não assegurou sua inserção de forma igualitária em sociedade, especialmente no que se refere às mulheres negras. Entre tantos fatores que acabaram contribuindo para a desigualdade racial embasada na lógica da colonização temos a literatura canônica que, não em sua totalidade, mas em grande parte, aparece como veículo de propagação de preconceitos, naturalizando de forma negativa alguns estereótipos atribuídos às negras.

Na literatura canônica brasileira, os personagens negros ocupam os menores lugares, quase sempre inexpressivos, ou como vilões, no caso dos homens negros, e para as negras as condições de domésticas ou de prostitutas, mantendo nas personagens o caráter de inferioridade advindo da época escravista, como se não se quisesse separar os povos negros dos reflexos daquela época. De forma mais geral, é bastante comum encontrarmos a representação da negra como tema do que como voz autoral. Ou seja, a maioria das produções literárias brasileira retratam as negras a partir de uma visão estereotipada pela estética branca dominante e eurocêntrica. Produções escritas por autores homens e brancos nas quais a visão é que a negra é objeto de uma literatura reafirmadora de estigmas raciais. Esses estereótipos são a base que afirma a dominação da negra pelo branco.

Os principais estereótipos encontrados nas literaturas canônicas são: o do escravizado nobre, por exemplo na protagonista de *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, o do negro vítima, podemos observar isso em vários poemas de Castro Alves, a exemplo de *Canção do Africano* e *Návio Negreiro*, o do negro infantilizado, presente em obras como *O demônio familiar* (1857), de José de Alencar, o do negro animalizado ou de estimação, que é o caso da personagem Tia Nastácia, do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, entre outros estereótipos. Este tipo de literatura produz discursos que submetem as mulheres negras e o povo negro a lugares predeterminados, retirando das/os negras/os a humanização e as/os colocando num patamar objetificado de seres bestializados. A este respeito, Conceição Evaristo (2005) aponta que certos estereótipos colocados sobre as/os negras/os estão enraizados na literatura desde o período colonial.

A autora reforça ainda que a literatura brasileira canônica apresenta imagens das mulheres negras que as situam numa posição subalterna, numa visão deturpada por meio da

qual elas estão sempre no lugar da inferioridade, haja vista a animalização/hipersexualização e a objetificação destes corpos. Esse posicionamento acaba corroborando com uma visão excludente que retira a população afro-diaspórica do cerne da formação da identidade nacional. Pensando nisso, como resultado de suas reflexões oriundas de seus estudos, Conceição Evaristo, em um de seus ensaios, intitulado “Gênero e etnia: uma escrevivência de dupla face”, pontua que na literatura brasileira canônica existe uma significativa “ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas, em geral” (EVARISTO, 2005, p. 53).

A militância feminina negra, ao longo da história, vem buscando viabilizar histórias de um povo, de mulheres negras historicamente jogadas à margem, impedindo que sejam contadas apenas por outros que sexualizam ou animalizam seus corpos e identidades. É graças a escritoras e militantes, tais como Lélia Gonzalez, Miriam Alves, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo etc. que um novo olhar sobre as questões, a vida e as histórias das mulheres negras tem sido possível. Foram anos de apagamento e silenciamento em suas várias facetas e ramificações na sociedade brasileira, mas as escritas de negras/os vêm dando suporte e chance de se (re)contar e, em muitos casos, se (re)escrever a própria história

5.1 CONHECENDO E DESVENDANDO AS REALIDADES NO UNIVERSO *TORTO ARADO*

5.1.1 Obra e autor

A obra *Torta Arado* foi lançada em 2019 pelo autor Itamar Rangel Vieira Júnior, nascido em 06 de agosto de 1979, em Salvador, Bahia. Itamar é graduado e mestre em Geografia e doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em uma entrevista em 2021 para os representantes do Sindicato Nacional dos Peritos Federais Agrários (SindPFA), Itamar nos revela que, desde 2006, é analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Graças a esse trabalho, ele atuou diretamente com conflitos de terras e populações tradicionais, podendo se aproximar de comunidades quilombolas, incluindo a de Luna, que fica situada em Lençóis, na Chapada Diamantina, Bahia, localização que futuramente faria parte do universo de *Torta Arado*.

Segundo o autor, a história de *Torta Arado* não é tão nova, visto que ele começou a esboçá-la quando possuía apenas 16 anos de idade, inspirado por romances regionalistas da

época de 1930 e 1940. Acabou escrevendo as primeiras páginas, mas nessa época não chegou a terminar a obra, que se perdeu durante uma mudança da família. Felizmente, ele nunca perdeu a vontade de contar essa história, escrevendo-lhe anos mais tarde, depois de experiências adquiridas com o seu trabalho no INCRA. Sua obra acaba se destacando pela solidez da construção, no equilíbrio da narrativa e na forma como aborda o universo rural do Brasil, tendo como ênfase personagens que são consideradas pertencentes à classe das minorias, as figuras femininas negras, ressaltando as formas de violências físicas e mentais por elas sofridas e, sobretudo, sua busca por liberdade, em contexto principalmente dominado pela sociedade patriarcal e colonial. Este romance foi vencedor de alguns prêmios, entre eles o prêmio LeYa de melhor romance, no ano de 2020.

A obra narra a vida dos trabalhadores rurais da fictícia Água Negra, uma fazenda localizada na região da Chapada Diamantina, no interior da Bahia. A história acompanha Bibiana, Belonísia e sua família, que são descendentes de escravizados. Apesar do mito da abolição da escravatura, ainda vivem em um contexto de uma sociedade patriarcal, conservadora e preconceituosa. No romance de Itamar, somos apresentados a uma realidade que possui marcas que transitam desde a escravidão em território brasileiro, na qual as personagens vivem uma liberdade relativa quanto a aspectos relacionados ao racismo, ao sexismo e ao colonialismo. Representa uma síntese do sertão brasileiro e das suas diversas relações sociais que estão ligadas ao trabalho servil, às marcas de violência em várias facetas, à seca e às crenças, lendas e religiosidade próprias que são provenientes da mestiçagem cultural e da ancestralidade africana.

A obra é considerada polifônica, já que possui uma alternância de vozes que a narram. Estando dividida em três partes, ela é marcada pelas narrativas das irmãs Belonísia e Bibiana, e por uma entidade do Jarê, Santa Rita Pescadeira. Nesta alternância narrativa evidenciamos que cada parte da obra, que é dividida em três seções, possui uma representação de vozes femininas, atribuindo a elas espaços em que possam expressar memórias de maneiras coletivas, que estão relacionadas às desigualdades sociais, raciais e de gênero. Durante a narrativa, fica evidente que elas evocam resistências ancestrais dos povos quilombolas, suas ligações com a terra e, sobretudo, suas lutas.

O romance está construído e subdividido em três partes: “Fio de corte”, “Torto Arado” e “Rio de Sangue”. Cada uma delas é narrada por uma personagem diferente. A primeira parte, “Fio de Corte”, é narrada por Bibiana, ficando evidente a forte ligação familiar, o elo entre a personagem com cada um dos membros de sua família, sobretudo, sua irmã. Ligação que se intensifica depois do acontecimento de uma tragédia, que é vivida pelas irmãs Belonísia e

Bibiana, deixando marcas profundas em suas vidas, quando, ainda crianças, por curiosidade, elas vão até o quarto de sua avó e abrem uma mala que contém objetos pessoais, dentre eles uma faca que brilhava e reluzia, a ponto de deixar as irmãs hipnotizadas. Sem saberem manejar adequadamente o objeto, uma das irmãs acaba se cortando com a faca e perdendo a língua. Esse fato trona-se uma metáfora as formas de silenciamento que as mulheres negras viveram e vivem, ressaltando também a sororidade dessas mulheres como forma de combater esses silenciamentos. Desde aquele momento até seus dias finais, cria-se entre as irmãs um laço, uma cumplicidade de gestos e de silêncios. Tem-se um suspense no desenrolar da trama sobre a fatalidade, não deixando claro qual das irmãs de fato havia perdido a língua. Esse acidente vai sendo apresentado e explicado aos poucos com o desenvolvimento do capítulo, evidenciando o desencadear da comunicação entre as irmãs e também as diversas formas de aprendizado construídas com a intensidade da relação entre as duas, como podemos observar nas falas de Bibiana no trecho a seguir:

Nos primeiros meses após perder a língua fomos tomadas de um sentimento de união que estava embotado com aquele passado de brigas e disputas infantis [...] quando retomamos as brincadeiras, havíamos esquecido as disputas, agora uma teria que falar pela outra. Deveria se aprimorar a sensibilidade que cercaria aquela convivência a partir de então. Ter a capacidade de ler com mais atenção os olhos e os gestos da irmã. Seríamos iguais. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 23)

Bem como no próximo trecho:

No começo foi difícil, muito difícil [...] com o passar dos anos, esse gesto se tornou uma extensão das nossas expressões, ate quase nos tornamos uma a outra, sem perder a nossa essência [...] Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 24).

A segunda parte, “Torto Arado”, é narrada por Belonísia, uma personagem que gosta de se dedicar ao trabalho com a terra, diferentemente de Bibiana. Neste capítulo, nos deparamos com a fase adulta de Belonísia, sua relação com seu marido, e as consequências dessa união. Vejamos algumas falas de Belonísia, como a que se apresenta a seguir:

Deixei a casa dos meus montada num cavalo e na companhia de Tobias, levando uma trouxa de roupas pequena [...] Senti um aperto no peito; o trotar

das patas invadia a parte baixa de meu quadril como um eco [...] Aqui é sua casa, sinhá moça [...] Eu me sentia paralisada e já com vontade de voltar para a casa de meus pais. [...] Em poucos dias sentiria um enorme arrependimento de ter escrito “quero” no papel pardo que dei à minha mãe, porque percebi que minha vida dali em diante não seria nada fácil. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 109).

E no próximo trecho:

Me vi sozinha. Não sabia a que distância estava a vizinha mais próxima, nem o que fazer se encontrasse algum perigo, como uma caninina ou uma cascavel dentro de casa. Num primeiro instante, caí dura numa cadeira com o assento de palha desfeito, e o zumbido das moscas durante um tempo foi a única que consegui escutar. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 111)

Este capítulo é marcado por violência física e verbal e por preconceitos, não só na vida de Belonísia, mas também de sua amiga, Maria Cabocla. Essas situações apresentam um contexto de machismo, de violência contra a mulher, de silenciamento, mas, sobretudo, de resistência, conforme citação a seguir.

No começo, parecia apreciar minha comida, sempre repetia. Depois passou a reclamar [...] Nessas horas eu ficava aflita, o coração aos pulos, magoada comigo mesma [...] Nessas horas, crescia a vontade de deixar tudo para trás, de voltar para minha casa, mas o que os vizinhos não iam dizer? [...] todos agora sabiam que eu não era mais “Belonísia de Zeca Chapéu Grande”, e que agora eu vivia com Tobias, logo eu era “Belonísia de Tobias” [...] A coisa ficou tão ruim que eu me antecipava, nem esperava ele pedir, já dava tudo em suas mãos: cinto, sapato, chapéu, gibão, facão [...] Me sentia uma coisa comprada [...] (VIEIRA JUNIOR, 2019, p 115-116)

E também de acordo com o próximo trecho:

[...] Maria Cabocla adentou a casa num repente que me fez imaginar que era alguma maldade à espreita [...] Ela estava com a roupa rasgada, chorando muito, o corpo tremia [...] Não entendia muita coisa do que dizia, ouvia apenas algumas repetições: “Ele vai me matar”[...] Maria Cabocla me disse que fugia do marido, que estava louco, ensandecido [...] Maria estava magra, parecia ter uma fome permanente [...] Mais tarde, Tobias chegou suado e com os olhos vermelhos. De longe senti que havia bebido [...] Fiquei apreensiva [...]Dali a pouco esse cavalo iria me baternigual ao marido de Maria Cabocla. Mas eu jame sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donona e filha de Salu, que fiera homens dobrar as línguas para se dirigirem a elas. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 118 – 121).

É por meio da voz de Belonísia durante a narrativa que o leitor tem acesso à história ancestral da família, como a de Salu, Zeca Chapéu Grande e Vó Donana. Ela conta as vivências de seu povo através de histórias narradas por outras pessoas, por meio do processo de

(re)memoração, traço fundamental para que possamos compreender as marcas da ancestralidade que costuram todo o contexto das personagens e também a narração de fatos presenciados por Belonísia. A terceira e última parte, “Rio de Sangue”, é contada por uma entidade do Jarê², Santa Rita Pescadeira, personagem onipresente desde a trajetória dos antepassados das demais personagens, dando uma visão sobre o ciclo da terra, os períodos de seca e também de abundância:

Meu cavalo morreu eu não tenho mais montaria para caminhar [...] Desde então, passei a vagar sem rumo, arrodando aqui, arrodando acolá, procurando um corpo que pudesse me acolher. Meu cavalo era uma mulher chamada Miúda, mas quando me apossa de sua carne seu nome era Santa Rita Pescadeira [...] Sou muito mais antiga que os cem anos de Miúda. Antes dela, me abriguei em muitos corpos, desde que a gente se adentrou matas e rios, adentrou serras e logas, desde que a cobiça cavou buracos profundos e o povo se embrenhou no chão como tatus, buscando pedra brilhante. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 203).

Durante toda a última parte, fica evidente a importância da religiosidade e da ancestralidade no romance. Em entrevista para Gama (2020), Itamar Vieira Junior, autor da obra, afirma que Santa Rita Pescadeira é a única personagem “real” da história, uma encantada que existe no Jarê. Portanto, nesta reta final, o último capítulo adquire um caráter fantástico e/ou místico, já que é narrado por uma entidade religiosa, transmitindo todo o sofrimento que seu povo viveu até aquele momento relatado em *Água Negra*.

As duas primeiras narradoras são filhas de Zeca Chapéu Grande, um dos trabalhadores de *Água Negra*, líder do jarê, religião afro-brasileira praticada naquela região. Zeca também é líder político e em alguns casos é responsável pelo povo da comunidade, para dar voz, resolver conflitos e tentar garantir melhores condições para seu povo, já que ele fala diretamente com o dono das terras onde mora. Muitos são os conflitos e as conciliações que coexistem na vida dos personagens. As irmãs acabam vocalizando as histórias dos demais personagens e apresentando um mundo repleto de contradições e injustiças. Os pontos apresentados por elas acabam demarcando acontecimentos que perpassam desde a sua infância e a sua juventude, chegando até as visões da sua vida adulta, que por sua vez acaba refletindo o contexto das relações de coletividade entre seu povo.

² O Jarê é definido por Paulo Alves e Míriam Rabelo (2009) como um tipo de candomblé rural bastante sincrético que se desenvolveu na Chapada Diamantina, Bahia. “A autoridade máxima no jarê está nos entendidos ou mais popularmente, curadores” (RABELO; ALVES, 2009, p. 3), concentrada nas mãos de indivíduos, principalmente homens, conhecidos como pais/mães-de-santo.

Os trabalhadores da fazenda não recebem nenhum salário pelos trabalhos, a não ser moradia, ou seja, apenas o direito de construir suas casas em terras que não são suas legalmente. Além disso, essas casas não podem ser de alvenaria, pois não deveriam ser algo difícil de derrubar, por isso, deveriam ser construídas de barro. Também podem cultivar roças em seus quintais, mas apenas em horários que não estejam prestando nenhum tipo de serviço para seus senhores; e, se quiserem possuir algum tipo de renda, eles devem vender o que produzirem em seus quintais, na feira, mas esse cultivo mal dá para garantir sua sobrevivência, ou seja, trata-se de uma escravidão moderna.

A narrativa de Itamar não possui uma precisão sobre a época em que toda a trajetória se desenvolve, podendo se passar tanto em algumas décadas depois da promulgação da Lei Aurea ou podendo ser mais próxima da nossa época, talvez para que nós, os leitores, questionemos se de fato a escravidão acabou nos interiores do Brasil ou se apenas mudou de forma. Através de sua narrativa, podemos ver que ele apresenta uma temática que pouco se abordou durante nossa história literária, mas que aos poucos vem sendo discutida por alguns autores e autoras, em uma literatura com protagonismo de mulheres negras que não se rendem à marginalização, mas que lutam e aos poucos vão ganhando espaços e sendo conhecidas: vozes sociais de minorias que antes não eram autorizadas. Itamar, na obra *Torto Arado*, abre espaço para que a história seja contada por uma ótica feminina negra, mesmo sendo ele um escritor homem. Sua obra consegue apresentar uma forma de enxergar outros lados de uma história, histórias que antes não eram ouvidas.

Em *Torto Arado*, podemos observar que o tempo é de uma vivência concreta que constitui um fluxo da memória, sendo possível a evocação do passado através das vivências das personagens principais e secundárias, de maneira coletiva e individual. De modo geral, a rememoração apresenta um enredo marcado por narrativas ancestrais que se entrelaçam com o presente, cujas vozes femininas negras contam as suas respectivas histórias amarradas a diversas simbologias e elementos considerados cruciais para a compreensão da obra como um todo, dentre eles a religião, a ancestralidade, a terra e a morte.

Torto Arado torna-se um livro atemporal, considerado por alguns críticos e escritores um clássico brasileiro contemporâneo, visto que, atualmente, já ocupa um lugar bastante consolidado. Esta obra contemporânea fala sobre uma realidade brasileira que é apagada e que está longe dos grandes centros. Sabe-se que é uma obra regionalista e, numa visão ampla, identificamos romances das últimas décadas que se alimentam desse mesmo contexto, como *As*

mulheres de Tijucopapo (1980)³, de Marilene Felinto; e *Galileia* (2008)⁴, de Ronaldo Correia de Brito. Obras que fazem um contraponto às narrativas brasileiras que estão ambientadas em metrópoles, com protagonismo masculino, nas quais, geralmente, encontramos os pobres, os negros e as mulheres com papéis nos quais são considerados subalternos, menos valorizados, sem voz e autonomia.

As diferenças começam a ser notadas quando Itamar, em seu romance *Torto Arado*, expressa temas ligados à escravidão, ao direito à terra, à violência, à religião de matriz africana, à ancestralidade, às secas, aos conflitos no campo, à resistência negra, ao machismo, ao racismo, à desigualdade social etc. E tudo isso, evocando vozes femininas negras narradas em primeira pessoa, vozes antes em segundo plano, agora contando suas próprias histórias e lutando pelos seus sonhos e direitos. Esse protagonismo feminino negro, em outros tempos e em outras obras, dificilmente daria corpo a romances da produção literária do Brasil. Portanto, temos acesso à força feminina negra numa perspectiva diferente, que lida de outra forma com o contexto de exploração.

Em *Torto Arado*, vemos sobretudo os conflitos que cercam as irmãs, em destaque a mudez, não só física, mas também a que é imposta sobre elas e ao povo da fictícia Água Negra. Porém, durante a passagem da obra, a voz delas só é recuperada através da instrução advinda da escolarização e dos movimentos de resistência. A mulher, na obra, tendo acesso à escolarização, subverte o padrão outrora imposto, evidenciando uma característica bastante importante destacada por Itamar, atribuindo às mulheres negras um valor de protagonismo. *Torto Arado* apresenta uma abertura cultural. Trata-se, na verdade, de um debate relevante a respeito da inclusão de pobres, negras (os) e das minorias identitárias na produção literária: histórias contadas por eles e não somente sobre eles.

5.1.2 Trajetória da negritude feminina em *Torto Arado*

A obra *Torto Arado* proporciona ao leitor se aproximar de várias questões durante a narrativa que estão relacionadas às trajetórias das personagens femininas negras, tanto as principais quanto as secundárias. O enredo acaba sendo atravessado por vozes de mulheres

³ Escrito em 1980, o livro narra a viagem de retorno da narradora Rísia a Tijucopapo, localidade fictícia onde sua mãe nasceu, que evoca a história real de Tejucupapo, no Pernambuco. *As Mulheres de Tijucopapo* é, acima de tudo, uma narrativa sobre racismo, desigualdade social e a solidão da mulher negra.

⁴ Narra a história de três primos, Adonias, Davi e Ismael, que viajam para o sertão do Ceará para visitar o avô, o qual está muito doente e mora no que ainda restou da fazenda Galiléia. Os primos terão de se reencontrar com a família e seus fantasmas e reviver histórias de adultério, vingança e morte, medos e traumas.

negras, quilombolas batalhadoras, abordando os diversos contextos de suas vidas individuais, enquanto mulheres portadoras de vulnerabilidades impostas pela branquitude ligadas a várias questões, assim como as suas vivências coletivas, que vão para além do trabalho semi-escravista, e outros problemas que assombram suas vivências. Além disso, temos também contato com as mais variadas formas de resistência empregadas pelas personagens para subverterem toda a realidade vivida. Na obra, encontramos figuras femininas marcantes que representam uma geração de mulheres que vivem suas trajetórias em contexto de dificuldades, opressão, luta e resistência. Essas mulheres são Bibiana, Belonísia, Donana, Santa Rita Pescadeira e Salu, que, mesmo perante todas as formas e maneiras de opressão, resistem e fazem com que suas vozes ecoem perante os problemas enfrentados.

Ao longo da narrativa, fica evidente que Donana, avó das meninas Bibiana e Belonísia, possui um papel que se destaca. É através dela que primeiro somos apresentados à relação do povo com a religiosidade, com o trabalho, o trato com os filhos e também a viuvez. Sobretudo, ela é a dona da faca que ocasiona o acidente entre as irmãs, mudando totalmente as suas vidas. Por outro lado, não podemos esquecer de Salu, que também possui uma história bonita e singela de emancipação que merece destaque. Ela possui um saber ancestral que pode ser observado em uma das falas de Bibiana:

A transformação da mulher hesitante, que vinha na estrada em preces por misericórdia e bem-aventurança, na força que se antepunha à perturbação uma grávida transtornada pelas dores, e talvez por espíritos que desconhecíamos, era um milagre de energia. De tão habituada à assertividade de Zeca, eu nunca havia sido capaz de contemplar com a atenção que agora tinha. Diante de meus olhos, vi minha mãe erguer sua mão direita e segurar com força o braço que avançava rompendo o ar para lhe atingir. Bastou esse gesto para que cessassem os urros e a cólera da mulher, e um fluxo de serenidade se instaurasse entre os presentes (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 50-51).

Com relação às irmãs Bibiana e Belonísia, é notável que elas constroem um laço de grande intimidade, da infância ao início da adolescência. Belonísia possui uma forte relação com os afazeres domésticos e as atividades da fazenda. A relação entre elas, a respeito da comunicação, é tão forte, que uma compreende a outra apenas com trocas de olhares, se conhecem tão bem quase que como fossem uma só, fato este presente desde o acidente trágico. A personagem Bibiana é dona de uma voz mais ativa, mais atuante, quando pensamos na sua maneira de lutar, pois ela participa de movimentos sociais, se envolve com as lutas pelos direitos dos trabalhadores e torna-se professora. Já sua irmã tinha outras maneiras de lutar e de resistir, uma delas o seu contato com a terra como forma de evidenciar o pertencimento e a permanência a algo. As duas parecem metades de um todo, uma completa a outra.

Santa Rita Pescadeira é uma entidade religiosa, ou seja, não possui materialidade física, utilizando-se de vários corpos. Durante a narrativa, observa-se que ela fica alternando a ocupação entre os corpos das irmãs Belonísia e Bibiana. Ela é uma voz onisciente que conta a história do povo de Água Negra, narrando desde o começo de sua enunciação as vivências dos antepassados que garimpavam e a luta dos povos negros, fazendo um resgate de memórias.

Meu cavalo era uma mulher chamada Miúda [...] Antes dela, me abriguei em muitos corpos [...] Vi homens fazendo tratos de sangues [...] Vi homens enlouquecerem sem dormir [...] Carregavam as famílias para os mesmos caminhos de loucura e muitos endoidavam [...] Não queriam guardar pedras [...] queriam encher seus picuás para poder ter uma casa ou liberdade [...] Meu povo seguiu rumando de um canto para o outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 203-204)

Assim, nota-se que vários são os elementos que atravessam a vida das mulheres de Água Negra, as lutas, o amor à terra, o racismo estrutural, entre outros temas. Fica evidente também que suas narrativas são constituídas de muitas questões ligadas diretamente a problemas advindos da vivência no campo e ao sistema patriarcal. Contudo, não se deixavam intimidar, não baixavam suas cabeças, tecem narrativas de resistências, levantando questões de classe, raça e gênero. Suas trajetórias permitem enxergar que o silenciamento e a invisibilidade estavam sendo rompidos, apontando uma nova era, uma era de dignidade que é impossível de ser ignorada.

6 A ANCESTRALIDADE COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

A ancestralidade potencializa diversas indagações sobre o que pode ser as subjetividades e a cultura de um povo, as suas formas de conhecimento e, sobretudo, as suas visões de mundo. Dentre os diversos meios a partir dos quais podemos conhecer a importância da ancestralidade para um povo, em sua cultura, podemos citar os rituais, as cerimônias religiosas e os festejos, pois são de terrenos férteis e ricos de saberes e costumes ancestrais. Espaços que, através da memória, são resgatados e repassados para as gerações futuras, assegurando uma forma de identidade própria de um povo, especialmente o povo negro. A identidade do povo negro pode ser evidenciada especialmente nas suas manifestações religiosas, que ocupam um lugar de destaque na formação de sua cultura, como podemos ver através do que pontua a autora Leda Maria Martins (2021):

As cerimônias rituais ocupam lugar ímpar e privilegiado na formação de culturas negras, pois, como territórios e ambientes de memória, recriam e transmitem, pelos repertórios orais e corporais, gestos, hábitos, formas e técnicas de criação e de transmissão. São registros e meios de construção identitária, transcrição e resguardo de conhecimentos. (MARTINS. 2021, p. 47).

Quando pensamos na construção identitária negra, a memória ancestral pode ser considerada um fator crucial para compreendermos esse processo. Para Candau (2011), em *Memória e Identidade*, toda memória carrega consigo alguns fatores, dentre eles, o esquecimento e os espaços identitários estão referenciados na ancestralidade, a partir da qual são manifestadas as culturas de matriz africana no Brasil, através do processo de fortalecimento das cosmovisões. Oliveira (2006, p. 19), quando reflete sobre as concepções africanas que fundamentam suas cosmovisões, chega à seguinte conclusão:

O sagrado, na verdade, permeia todos os espaços do universo africano. Ele impregna com sua força vital qualquer esfera da vida comunitária dos negros, tanto em África como nos outros continentes para onde tenham ido os negros da Diáspora. Esse sagrado, porém, no caso da África, emana da ancestralidade. A ancestralidade, então, está no cerne da concepção de universo. O universo interliga todas as coisas. Logo, a ancestralidade permeia todos os seres que compõem esse universo. (OLIVEIRA, 2006)

A ancestralidade é uma das categorias de maior importância para os povos africanos. Ela se configura como um modo de organização da vida no mundo contemporâneo. É por meio dela, ainda, que as relações do povo africano, sua história e sua memória são estruturadas, como podemos ver, através das palavras de Leda Maria Martins:

A ancestralidade define de modo estruturante a cosmopercepção negro-africana, dispersa pelas suas inúmeras e diversas culturas. Como sintetiza Oliveira, desde “a complementariedade dos gêneros até o caráter coletivo dos rituais africanos, o culto aos ancestrais preserva e atualiza, da melhor maneira possível, a originalidade e a genuinidade dos elementos estruturantes da cosmovisão africana” que contempla “a concepção de universo, de poder, de pessoa [...]” (MARTINS, 2021, p. 58).

Quando pensamos a respeito da ancestralidade, logo notamos que a este conceito estão relacionadas as ideias de família e seus vínculos. Através deles, as pessoas negras encontram um lugar de pertencimento e de coletividade que vem do resgate do passado, que se torna presente, sendo seus ensinamentos e tradições repassados pelos descendentes, em comunidade. As tradições nos terreiros de Candomblé simbolizam uma herança da ancestralidade levada para quais sejam os cantos que esses povos possam ir com seus cultos. Neste quesito, podemos pensar a ancestralidade como a força vital de um povo. Leda Maria Martins acrescenta:

A ancestralidade é princípio base e o fundamento maior que estrutura toda a circulação da energia vital. Os ritos de ascendência africana, religiosos e seculares, reterritorializam a ancestralidade e a força vital como princípios motores e agentes que imantam a cultura brasileira e, em particular, as práticas artístico-culturais afro. (MARTINS, 2021, p. 62).

Em *Torto Arado*, observamos que as alternâncias temporais são bem marcantes para que compreendamos as situações enfrentadas pelas personagens, bem como as formas a partir das quais elas entram em contato com o legado ancestral e seus ensinamentos. A partir do resgate feito pelas memórias das personagens, em que presente e passado se misturam e são revelados a partir da narração das três vozes femininas, atravessadas por tantas outras vozes, passamos a compreender que a ancestralidade de um povo é sempre marcada e importante em sua constituição, principalmente a do povo negro. Na obra, memórias, histórias e tradições emergem entrelaçadas a raízes ancestrais, ficando evidente durante todo o enredo, na apresentação das histórias das irmãs, o tema da importância da ancestralidade através da materialização do passado, começando a partir do momento no qual encontram a faca escondida no quarto da sua avó Donana. Observemos a fala de Belonísia:

Donana vive no passado, logo estará perdida em seus pensamentos [...] Já havia visto Donona arrumar e desarrumar aquela mala muitas vezes, apesar da grossa camada camada de terra que os ventos de setembro e outubro traziam [...] Havia visto, certa manhã, o desenrolar da faca de cabo de marfim. Vi Donona polir sua prata com um pano sujo [...] Agora, com os maus-tratos de Tobias, elas se tornaram mais vis, eram gritadas por minhas ancestrais, por Donana, por minha mãe, pelas avós que não conheci, e que chegavam a mim para que as repetisse com horror de meus sons, e assim ganhassem os

contornos tristes e inesquecíveis que me manteriam viva. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 125-128).

Este acontecimento é bem marcante na obra: “Quando retirei a faca da mala de roupas, embrulhada em um pedaço de tecido antigo e encardido, com nódoas escuras e um nó no meio, tinha pouco mais de sete anos” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 13). Conseguimos notar através desse trecho que o misterioso objeto que estava guardado com muito segredo pela avó das meninas trazia consigo um significado ancestral para a vida de sua família. A religiosidade e a ancestralidade aparecem como norteadoras dos três focos narrativos, principalmente na voz da terceira narradora, a entidade do Jarê Santa Rita Pescadeira, já que ela é uma marca ancestral da cultura de um povo.

A obra *Torto Arado* está entranhada e desenvolvida sobre as marcas ancestrais do povo negro, sua cultura e, sobretudo, sua religiosidade. Evidentemente, começamos a notar essas questões a partir das festividades de Jarê descritas na obra e também em diversas partes durante a narrativa, principalmente no terceiro capítulo, narrado pela entidade encantada Santa Rita Pescadeira. As tradições são pontos marcantes, passados de geração a geração, atribuindo aos encantados uma influência sobre a vida dos moradores de Água Negra, realçando diversos aspectos da ancestralidade e da formação identitária do povo quilombola.

Zeca Chapéu Grande e Salustiana, os pais de Belonísia e Bibiana, possuem um papel muito importante quando passamos a observar as marcas da ancestralidade e da religiosidade na obra. Todo o povo de Água Negra depositava neles a confiança nos ensinamentos, repassados para eles por seus ancestrais:

Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador do Jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam. Desde cedo, havíamos precisado conviver com essa face mágica de nosso pai. Era um pai igual aos outros pais que conhecemos, mas que tua sua paternidade ampliada aos aflitos, doentes, necessitados de remédios que não havia nos hospitais, e da sabedoria que não havia nos médicos ausentes daquela terra. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 33).

Em relação a esse aspecto, sobretudo, citamos Donana, a avó das meninas, figura responsável por transmitir ensinamentos a Zeca, para que mais tarde torne-se curador espiritual, e por ensinar tudo o que Salustiana precisaria para assumir o posto de parteira da comunidade. Não só as três protagonistas e narradoras da obra são fundamentais para a construção do imaginário ancestral presente em *Torto Arado*, mas também as matriarcas fortes que perpassam as dificuldades e os desafios intensos, muitas vezes vividos por elas apenas por serem mulheres. As irmãs representam a permanência da avó e dos encantados em novas experiências,

retomando uma sabedoria passada: “tudo que sabia tinha origem nas crenças dos encantados das avós Salu e Hermelina” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 213).

Esta sabedoria se mostra bem presente, como aspecto fundamental na luta pela sobrevivência das personagens. As marcas da ancestralidade ficam bem presentes nas rezas, nos feitiços, no culto aos orixás e nas demais crenças. Um dos grandes pontos da ancestralidade, nesse sentido, é a resistência à exploração da terra e do povo negro que reside em Água Negra, atrelada às relações de opressão realizadas pela família Peixoto, que perpetua um sistema de exploração, exercendo poder e fazendo referência à época da escravatura. Santa Rita Pescadeira, assim, insere na obra o tema da resistência ancestral a esses desmandos:

Sou uma velha encantada, muito antiga, acompanhou esse povo desde sua chegada das Minas, do Recôncavo, da África. Talvez tenham esquecido Santa Rita Pescadeira, mas a minha memória não permite esquecer o que sofri com muita gente, das disputas de terra, da violência de homens armadas, da seca. Atravessei o tempo como se andasse sobre as águas de um rio bravo. A luta era desigual e o preço foi carregar a derrota dos sonhos, muitas vezes. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 212)

Observamos durante toda a construção da narrativa uma forte vontade, por parte dessas mulheres, de resistirem e de lutarem pelas suas sobrevivências e de não serem invisibilizadas e/ou silenciadas. Mesmo com toda a opressão e com todo o derramamento de sangue, elas persistem e não deixam que seus ancestrais tenham lutado em vão. Essas percepções nos são apresentadas através da ancestralidade muito presente nas personagens, como um elo forte e inquebrantável. Vejamos as palavras de Bibiana:

Mas não vamos desistir. Essa semente que Severo plantou por nossa liberdade e por nossos direitos não irá morrer. Foi um que se foi. Meu companheiro e pai de meus filhos. Mas somos muitos ainda nesta fazenda. Foi embora um fruto, mas a árvore ficou. E suas raízes são muito fundas para tentarem arrancar. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 221).

Itamar traz a narrativa dessas mulheres fortes, em suas vivências, mas também em seus lugares de pertencimento que vão para além da terra, para além de Água Negra, que são seus pertencimentos em suas religiões e na força que conseguem evocar através de suas ancestralidades. Ressalta-se um passado valioso que é preservado por elas, encontrando em sua ancestralidade a fonte de suas forças e de suas maneiras de serem autênticas. Nesse sentido, a personagem Belonísia possuía uma forte ligação com a terra e, assim como a terra, ela agia com vigor. Ao se casar com Tobias, acaba se encontrando em uma situação difícil: por muitos era considerada frágil pela sua condição de mudez, mas surpreende a todos ao mostrar que sua força

de mulher era tão resistente quanto as terras que tudo sofrem, mas resistem a tudo, tão profundamente quanto as raízes das plantas que ela cuidava e se dedicava.

Belonísia começa a enfrentar o sistema outrora instalado quando reage às próprias normas de convivência de seu povo, como “a regra de que não se deve meter em briga de marido e mulher” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 118), quando acolhe Maria Cabocla, sua vizinha que sofria abusos de seu marido e que era vítima de violência. Assim, enfrenta-o, assumindo uma posição que lhe dá coragem para enfrentar seu próprio marido:

Tentava entender o que ele dizia, e sem chance de me proteger, o prato veio na minha direção. Olhei para o chão e vi a comida espalhada. Aquele chão onde havia curvado meu corpo para varrer e assear com zelo. Senti raiva naquele instante, perguntei a mim mesma quem aquele vaqueiro ordinário pensava que era (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 120).

Belonísia tornava-se vigorosa como a terra, assumia a posição de mulher respeitada, assim como eram as mulheres africanas entre seu povo e também como sua mãe e avó: “Mas eu já me sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas.” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 121). Evidencia-se esse resgate de sua ancestralidade, do desejo de lutar e não deixar que pensassem que era fraca.

Os Jarês de Zeca Chapéu Grande revelam os ensinamentos dos Encantados e as lições recebidas de sua mãe Donana. Esses ensinamentos são as fontes espirituais e ancestrais que são herdadas por Bibiana e Belonísia. Essas heranças recebidas são os meios pelos quais as irmãs se afirmam e resistem, não deixando de lutar contra o apagamento de suas identidades e dos legados ancestrais. A ancestralidade é a conexão entre um povo e sua cultura, é a relação entre passado e presente que assegura a um povo o lugar de pertencimento, uma fonte inesgotável de sabedoria e de sustentação vinda dos ancestrais, que ensinam a todo momento como aprender e evoluir em meio a dores, angústias, sofrimentos, anseios, e, sobretudo, a resistir, desenvolver dons, gostos, formas de pensar, de agir e de sentir tudo, desde a origem de uma cultura. Conhecer sua ancestralidade é conhecer cada vez mais a si mesmo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, procuramos construir discussões a respeito do protagonismo das mulheres negras no contexto da construção de suas identidades, tendo como foco o romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior. Como parte primordial desta elaboração, levantamos a hipótese de que a obra constrói suas personagens com o interesse de desenvolver seus perfis em torno da busca da autonomia e do direito de terem suas próprias personalidades. Fatores que só são possíveis quando há a garantia da dignidade humana e, especificamente no contexto da obra, o respeito e o resgate da própria ancestralidade, elementos que foram historicamente usurpados, desde a época dos colonizadores, na escravidão, até a forma de opressão racial, de gênero e de classe que chamamos hoje de escravidão moderna, constituindo uma das diferentes formas de violência retratadas no romance.

A obra *Torto Arado*, assim, toma como cenário principal o tema da diáspora africana e suas reverberações no contexto brasileiro, atrelando-se às relações de poder coloniais que são atuantes ainda na contemporaneidade, mas ressaltando também a importância das conexões familiares e do resgate cultural e social do povo negro e seu legado ancestral, que foram podados, o que impacta de forma direta na construção de suas subjetividades. No cenário das desigualdades e da falta de políticas públicas, que fazem com que a realidade do racismo persista até mesmo depois de décadas da abolição da escravidão, se faz necessário que surjam novas ferramentas para o enfrentamento da opressão racial em todas as suas dimensões, que atacam diretamente as mulheres negras, misturando-se às opressões de gênero e de classe. Viemos, assim, através deste estudo, a partir da literatura, discutir a importância dos movimentos de resistência e de valorização da ancestralidade africana como fatores de construção de identidades e de afirmação da autonomia, por meio dos quais as mulheres negras lutam pelos próprios espaços e por igualdade numa sociedade que insiste em silenciá-las.

Ao observarmos as formas com as quais as personagens são retratadas na obra de Itamar, que se distanciam de perspectivas excludentes, percebemos que *Torto Arado* elabora essas mulheres a partir de seus posicionamentos autônomos, evidenciando que o trabalho com a linguagem garante a enunciação de uma voz ancestral, há muito tempo silenciada. Vozes de mulheres negras, identidades construídas em meio ao desejo de serem ouvidas. Fica evidente em *Torto Arado* o intuito de representar essas mulheres, essas vozes que são donas de si, de suas vontades e desejos, visando à importância de suas lutas para garantir seus lugares perante a sociedade.

Portanto, podemos concluir que, em *Torto Arado*, o processo de construção de identidade da mulher negra e seus protagonismos, por meio da atuação das personagens protagonistas e narradoras Bibiana, Belonísia e a entidade Santa Rita Pescadeira, faz com que observemos seu crescimento autônomo no decorrer da narrativa. Todos os contextos evidenciados e superados por elas revelam suas resistências às adversidades advindas desde o período colonial. O protagonismo dessas mulheres negras, em *Torto Arado*, acaba evidenciando a importância de uma cultura e de uma pretitude que subverte as marcas deixadas pela escravidão. Ressaltamos, portanto, a necessidade da leitura e do estudo de textos literários que privilegiam discursos que veem as mulheres negras como sujeitos que lutam por si mesmas e pelas suas próprias escolhas, desejos e vontades. Em outras palavras, lutam para ser livres.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Neuma. (2015), "**Patriarcado**". In: FLEURY -TEIXEIRA, Elizabeth (org.) Dicionário feminino da infâmia. Rio de Janeiro, Editora Fundação Oswaldo Cruz.
- AMARAL, Sharyse Piroupo. História do Negro no Brasil. Unidade I – A Escravidão no Brasil. Módulo 2 – Curso de Formação para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileiras (CEAO/UFBA). Universidade Estadual da Bahia. Bahia, 2011.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, A. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. Tradução de Andrea Daher e Zenir Campos Reis. São Paulo, v.5, n.11, 1991. P. 173-190.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero, **Estudos Feministas** n,1 p. 171-188. 2002.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça, classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016
- DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil: raízes históricas do machismo brasileiro; a mulher no imaginário social; lugar de mulher é na história**. Contexto, 1989.
- EVARISTO, C. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. de B.; SCHNEIDER, L. (Org.). **Mulheres no Mundo: Etnia, Marginalidade e Diáspora**. João Pessoa: Editora Universitária, 2005. p. 1-15.
- FERNANDES L. A.; Gomes, J. M. M. **Relatório de pesquisa nas Ciências Sociais: Características e modalidades de investigação**. ConTexto, Porto Alegre, v. 3, n. 4, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Genealogía del racismo**. La Plata: Editorial Altemira, 1996.
- FONTELLES, Mauro José, Marilda Garcia Simões, Samantha Hasegawa Farias e Renata Garcia Simões Fontelles. **Scientific research methodology: Guidelines for elaboration of a research protocol**. Revista Paraense de Medicina, 23 (3), 2009.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.
- _____. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos** Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.
- Hooks, bell (1995) **Intelectuais negras** In: Estudos Feministas Nº 2, pp. 464-478
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LORDE, Audre. **A Transformação do Silêncio em Linguagem e Ação**. 1978.

MARTINS, L. M. **Performance do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser Escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MOTT, M. L. de B. **A mulher na luta contra a escravidão**. São Paulo: Contexto, 1988. (Coleção Repensando a História)

_____. **Submissão e resistência a mulher na luta contra a escravidão**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 66, 1988.

MOURA, C. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

OLIVEIRA, E.. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. 3. ed. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006. v. 500. 188p .

PERROT, M. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: MATOS, M.; SOIHET, R. (Org.). O corpo feminino em debate. São Paulo: UNESP, 2003. p. 13-27per

PERROT, M. **Mulheres públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

PROENÇA FILHO, Domício. **A Trajetória do Negro na Literatura Brasileira**. 500. In: *Revista dos Estudos Avançados da USP*, São Paulo, 2004.

SANTOS, Neuza Souza. **Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

SARAIVA, L. A. S.; DUARTE, A. C. O. Dimensões da identidade em duas organizações do terceiro setor. In: CARRIERI, A. DE P. et al. (Ed.). **Identidade nas organizações**. Curitiba: Juruá, 2010. p. 107-124.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul / dez, 1990.

SOARES, C. M. **As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX**. Afro-Ásia, Salvador, n.17, 1996.